

O partido se divide, outra vez

por Célia Rosemblum
de São Paulo

Pela segunda vez, a persistência do ex-governador de São Paulo, Paulo Salim Maluf, em disputar a Presidência da República provoca a renúncia do chefe de seu partido. O senador Jarbas Passarinho pretende formalizar hoje seu pedido de afastamento. Em 1984, a ofensiva de Maluf para garantir a disputa com Tancredo Neves no Colégio Eleitoral fez com que José Sarney desistisse de comandar o PDS.

Sarney queria realizar prévias para indicação do candidato. Maluf era contra. Pressionado, o senador maranhense anunciou em 12 de junho que não tinha condições de promover a unidade do partido e renunciou à presidência, um gesto aplaudido pelos malufistas. Sarney filiou-se ao PMDB e concorreu como vice de Tancredo Neves, que bateu Maluf por 480 a 180 votos.

Com a saída de Sarney, foi inaugurada uma dissidência que levou o partido a ter hoje cerca de 15% do número de parlamentares que integravam seus quadros no início da década. O PDS, que nasceu em 1980, elegeu, em 1982, governadores em 12 estados e tinha

49% da Câmara, com 235 deputados. Em 1985, os dissidentes começam a migrar para o PFL formado por Aureliano Chaves e Marco Maciel, uma seqüela da disputa no Colégio Eleitoral. Em 1986, o partido não elegeu governadores. Neste ano, sua bancada se limita a 32 parlamentares: 28 deputados e 4 senadores.

A bancada pode reduzir-se com a opção por Maluf na convenção realizada no último final de semana. O descontentamento com a escolha vai do Pará, estado de origem de Passarinho, ao Rio Grande do Sul. Uma das mais importantes lideranças do partido no estado, o ex-deputado Nelson Marchezan — relata Elmar Bones, deste jornal —, disse ontem que o PDS gaúcho terá de repensar seus rumos. Segundo a Agência Globo, Marchezan estuda a hipótese de apoiar a candidatura de Leonel Brizola (PDT). O mineiro Bonifácio de Andrade poderá respaldar Jânio Quadros ou Collor de Mello.

Mas a bancada do PDS na Assembléia Legislativa

de São Paulo, que insistiu com o lançamento de Maluf como candidato, não teme um esfacelamento do partido. "Além do partido estar unido, já estamos recebendo consultas de parlamentares de outros partidos que manifestaram a intenção de caminhar com Maluf", informou o presidente do PDS em São Paulo, Paulo Richter.

Os malufistas contavam com que a convenção do partido fosse uma das últimas a ser realizada, perto do prazo final previsto em lei, 15 de julho. Teriam então um quadro mais definido. Mas foram obrigados a agir rapidamente para enfrentar a candidatura do prefeito de Florianópolis, Espiridião Amin. "Infelizmente a executiva antecipou a convenção para atender os interesses de Amin, que, caso fosse escolhido, teria de se desincompatibilizar até o dia 15", reclamou Silvio Martini, líder em exercício da bancada pedessista em São Paulo.

"Fomos obrigados a lançar Paulo Maluf. O Espiridião Amin não é mais um pedessista confiável. Ele

jurou amores pela candidatura de Brizola. Tínhamos receio de que a candidatura de Amin fosse até uma manobra do próprio Brizola. No meio do caminho, se ele fosse escolhido, poderia retirar a candidatura progressista ou realizar composições com quem não nos interessa ideologicamente", contou o deputado Afanásio Jazadji. "A suspeita foi confirmada quando a galeria começou a gritar Brizola quando foi confirmada a vitória de Maluf".

Hoje, uma reunião do PDS começa a estruturar a campanha do candidato, segundo informou Paulo Richter. "Será baseada num posicionamento de centro, moralidade, combate à corrupção e combate à inflação", contou.

Os números e projeções da bancada pedessista são otimistas: o deputado Maurício Najar, por exemplo, acredita que Maluf tem chances de arrebanhar 30% do eleitorado brasileiro. Jazadji calcula que o ex-governador conseguirá, apenas em São Paulo, entre 4 milhões e 5 milhões de votos.